



BIANCA LUCCA

Crianças com deficiências e neurodivergentes enfrentam desafios únicos no ambiente escolar, que vão além do aprendizado acadêmico. Para garantir um desenvolvimento pleno, é fundamental que as escolas ofereçam acolhimento adequado, promovendo inclusão, suporte emocional e adaptações pedagógicas.

Segundo Beatriz Abuchaim, gerente de políticas públicas da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, a lei brasileira de inclusão de 2016 garante às crianças com deficiência o direito de acesso à escola regular — inserção que favorece o desenvolvimento integral. “A escola tem de se preparar para receber essas crianças, organizando materiais e infraestruturas que atendam às necessidades específicas de cada aluno”, observa.

Mas a precariedade da formação sobre educação inclusiva para professores ainda é um desafio que o Brasil precisa enfrentar. “Inúmeros estudos mostram o quanto a inclusão é promotora de desenvolvimento para as crianças com deficiência”, aponta a especialista. “Suas habilidades linguísticas, cognitivas e sociais são estimuladas em um contexto de escola regular.” Beatriz ainda destaca que tal convivência favorece o respeito com as diferenças para todas as partes.

Informações

Na avaliação da psicopedagoga Cleide Hoffmann Bernardes, o acolhimento no ambiente educativo precisa ser desde a matrícula da criança, buscando junto à família as informações necessárias para que sejam oferecidas as condições adequadas ao seu acesso, permanência e aprendizagem. “A família precisa sentir-se segura no ambiente educativo e a relação de confiança, estabelecida e fortalecida ao longo de toda a jornada educativa.”

Na prática, no entanto, as estratégias pedagógicas eficazes de acolhimento abrangem necessidades individuais, que demandam contato com os profissionais

Acolher para incluir

Especialistas e família apontam que acolhimento, empatia e adaptações pedagógicas são essenciais para garantir inclusão e desenvolvimento de crianças com deficiência e neurodivergentes na escola

Material cedido ao Correio



O professor Flavio Leão com os filhos. Luis Jabur Gaio (E) é autista e estuda em escola pública

que atendem os estudantes. “Duas crianças com deficiência física podem precisar de recursos e estratégias diferentes, embora ambas tenham a mesma condição motora”, Cleide exemplifica. No caso de alunos com transtornos específicos de aprendizagem, a pedagoga defende adaptações em atividades, ensino e provas.

Diferentes necessidades são amparadas, de acordo com a especialista, a partir do convívio. “O primeiro passo é acreditar que todos podem aprender”, declara. Enquanto professora, Cleide reconhece o potencial de cada estudante. “O olhar atento às necessidades individuais e a ação diante delas são o que de fato farão a diferença na vida dessas crianças.”

Sobretudo, garantir segurança

para os pequenos e suas famílias é essencial. “Uma criança que se sente segura tem liberdade para arriscar, experimentar e aprender sem medo de errar. Isso amplia suas possibilidades de desenvolvimento, fortalece vínculos e favorece a sociabilidade. Afetividade e aprendizagem caminham juntas”, expõe.

Entre a família e os professores, o contato deve ser constante. “Trata-se de uma relação que precisa ser construída e cuidada com zelo. Ambos precisam se ajudar e superar diferenças em nome do bem-estar da criança”, reflete a pedagoga. Cleide conclui que a inclusão escolar é alcançada a partir da equidade e de incentivo entre os colegas e professores, “de modo que visualizem uma pessoa para

além da necessidade diferenciada que apresenta”.

Suporte essencial

Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal e integrante da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae-DF), Flavio Leão é pai de Luis Jabur Gaio, um menino autista. Luis, que completa 10 anos em outubro, frequenta a Escola Classe 304 Norte, onde Flavio encontrou mais acolhimento do que esperava para o filho.

Na instituição, Flavio é incluído e integrado pedagogicamente à turma, além de ser acolhido afetivamente pelos colegas e pelos profissionais. “Devo muito isso à equipe de educação dessa escola”, celebra Flavio. “Percebo que lá

eles têm um compromisso com a inclusão e se preparam para isso. É uma equipe disposta a fazer isso da melhor forma possível.”

Entre as estratégias de educação inclusiva da escola pública, Flavio destaca salas com recursos especiais, monitoria e — o mais importante, na opinião do educador — empatia dos especialistas para com as crianças com deficiência.

Ao se comunicar constantemente com a professora de Luis, Flavio descreve a relação com a educadora como “um canal aberto para agir de acordo com os desafios e limitações do filho”, a fim de superá-las. O pequeno é alfabetizado e caminha conforme a turma ao longo das disciplinas aplicadas durante o ano.

O suporte emocional oferecido para Luis também é um diferencial da escola, segundo Flavio. Monitores, orientadores pedagógicos e psicólogos orientam e acolhem afetivamente as diversas dificuldades do menino. “Meu filho enfrenta desafios diversos, desde a dificuldade de socialização até a de aprendizagem. Isso requer muita pedagogia, didática e empatia de todos os envolvidos nesse processo”, explica.

Quando Luis participa ativamente de atividades em grupos com os colegas, Flavio percebe a discrepância entre a comunicação de crianças neurotípicas e neurodivergentes. Mesmo com o diálogo, a diferença faz-se evidente. Para ele, o acolhimento escolar é imprescindível ao bem-estar emocional e o aprendizado do filho, sendo o objetivo final sua independência e autonomia. “Quando a minha criança é amparada, ela consegue estar no mesmo ano de seus colegas, e tem maior probabilidade de se sentir capaz de ser um adulto autônomo”, avalia.

Ao integrar a Apae, Flavio relata ter mudado como professor, ser humano e, sobretudo, como pai. “Aprendi o que é empatia. Aprendi a olhar as pessoas com os olhos delas”, comenta. Ser pai de Luis o possibilitou a enxergar que não existem barreiras na superação de dificuldades para pessoas com deficiência.